



THEA
GUANZON

A
GUERRA
DOS
FURACÕES

A GUERRA DOS FURACÕES

VOLUME 1

THEA GUANZON

Tradução de Laura Pohl



Copyright © 2023 by Thea Guanzon
Publicado mediante acordo com Harper Voyager, um selo de HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL
The Hurricane Wars

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Laiane Flores
Theo Araújo

LEITURA SENSÍVEL
Rebeca Kim

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO
Virginia Allyn (aberturas de capítulo e de parte)
starline | Freepik (páginas 2 e 3)
victoriaartwork | Vecteezy (molduras das aberturas de parte)

ARTE DE CAPA
Kelly Chong

DESIGN DE CAPA
Holly Macdonald © HarperCollins Publishers Ltd 2023

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

MAPA
Virginia Allyn

ADAPTAÇÃO DO MAPA
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G946g

Guanzon, Thea
A guerra dos furacões / Thea Guanzon ; tradução Laura Pohl. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
416 p. ; 23 cm. (A guerra dos furacões ; 1)

Tradução de: The hurricane wars
ISBN 978-85-510-1006-8

1. Ficção filipina. I. Pohl, Laura. II. Título. III. Série.

24-91654

CDD: 899.213
CDU: 82-3(599)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Prólogo

Antes mesmo de conseguir vê-la, ele escutou a garota, um som agudo e dourado que atravessou o caos da batalha como o primeiro raio do nascer do sol.

Camadas do gelo flutuante oscilaram e racharam sob suas botas enquanto ele corria pelo lago congelado, indo na direção do som, aquele que o chamava entre todos os outros ruídos que perfuravam o ar invernal: os gritos, o chacoalhar dos arcos, o rugido dos canhões, todos vindos da cidade em chamas atrás da floresta antiga à beira d'água. As lacunas tremulantes entre os pinheiros altos ofereciam vislumbres da destruição na forma de veias de brasas douradas e avermelhadas, a copa e as agulhas formando silhuetas contra a coroa de fumaça visível sob as sete luas.

Também havia fumaça ali no gelo, mas era a fumaça do etercosmos, e não das chamas. As sombras floresciaam sobre a geada em anéis oscilantes, aprisionando todos que tentavam escapar da cidade, todos exceto ele e seus legionários. Com um gesto da mão enluvada, cada barreira escura se abria diante dele, até que... finalmente...

Ali estava ela.

Mechas soltas do cabelo castanho despenteado esvoaçavam com o vento montanhoso, escapando da trança e emoldurando o rosto oval, marrom-claro e cheio de sardas. Ela parecia arisca naquele gelo instável, a luz incandescente em suas mãos lutando contra a escuridão que se assomava, o corpo de um dos homens dele ainda sofrendo espasmos aos pés da garota. Ele se impeliu para a frente, sua arma bloqueando o que teria sido um golpe

mortal em um dos seus legionários mais antigos, e ela cambaleou para trás. Os olhos encontraram os dele, a magia refletida em lascas douradas que incendiavam as íris castanhas, e talvez aquilo também fosse uma declaração de guerra. No intervalo entre as batidas do coração. Na morada da noite.

Ele investiu contra ela.

PARTE I





CAPÍTULO 1

Os casamentos de guerra eram a última moda em um lugar onde todo dia se anunciava, de forma bastante enfática e ameaçadora, como o último da vida de alguém, mas os céus poderiam chover pedras por sete noites consecutivas sem nunca acertar um celebrante disponível. A maior parte dos clérigos estava na linha de frente, entoando para as tropas sardovianas de Mahagir a coragem do Coração-de-Sabre e guiando as almas de soldados à beira da morte para o crepúsculo eterno nas grutas de salgueiro de Adapa, a Ceifadora. Por um golpe raro de sorte, no entanto, havia *um* clérigo restante na cidade montanhosa de Abrunho-da-Geada, onde o regimento de Talasyn estava situado, e onde seus colegas timoneiros, Khaede e Sol, decidiram selar seu compromisso.

Não que seja um grande mistério o motivo de terem largado esse vovô para trás, refletiu Talasyn, observando de um canto escuro da choupana com teto de palha o clérigo, velho e encurvado, trajando robes amarelo-claros, se esforçar para erguer um grande cálice de latão acima do fogo que estalava e refletia na careca que lembrava uma bola de mármore. Com a voz fina e trêmula, ele entoou de forma atrapalhada as palavras finais do rito matrimonial enquanto a noiva o encarava, irritada.

Khaede tinha um olhar afiado capaz de cortar metalidro. Era um milagre o velhinho frágil não ter sido picotado na hora. Por fim, ele conseguiu segurar o cálice, aquecido pela fumaça, e levá-lo à boca do noivo e então à de Khaede, para que o casal bebesse o vinho dourado de lichia consagrado para Thonba, deusa da casa e do lar.

De onde estava, às margens da multidão, Talasyn se juntou aos aplausos com os outros soldados quando o clérigo, com dificuldade, declarou Khaede e Sol unidos por toda a vida. Sol abriu um sorriso tímido, contra o qual Khaede logo pressionou os lábios, sua ira pelo celebrante atrapalhado relegada ao passado. Os gritos entusiasmados de seus camaradas ecoaram pelas paredes grossas de calcário.

— Acha que vai ser a próxima, timoneira?

A provocação jovial veio de algum lugar acima dos ombros de Talasyn, e ela revirou os olhos.

— Palerma.

Sendo a amiga mais próxima de Khaede, ela andava ouvindo brincadeiras do tipo a noite toda, e estava na defensiva.

— E por que é que isso estaria na minha lista de prioridades... — retrucou ela, até se virar e o cérebro assimilar o que os olhos estavam vendo. Talasyn assumiu posição de sentido quando percebeu quem era o engraçadinho. — Com todo o respeito, senhor.

— Descansar — disse Darius, um sorriso divertido aparecendo sob a barba grossa.

Quando Talasyn se alistara cinco anos antes, o cabelo do comandante dos timoneiros era grisalho; no momento, a maior parte estava branca. Ele baixou a voz para não ser entre ouvido pelas pessoas ao redor.

— A amirante gostaria de uma palavrinha.

O olhar de Talasyn seguiu para o lugar onde vira Ideth Vela na multidão mais cedo. A mulher que tinha o cargo de comando mais alto de todas as forças armadas da Sardóvia estava prestes a desaparecer por uma salinha lateral, acompanhada de um oficial robusto que exibia um bigode preto no formato de ferradura.

— O general Bieshimma já voltou de Nenavar? — perguntou Talasyn.

— Acabou de chegar — respondeu Darius. — Pelo que entendi, houve um imprevisto na missão e ele precisou se retirar. Ele e a amirante querem discutir uma questão crucial com você, então... vá logo.

Talasyn avançou por entre a multidão. Não hesitou em usar os cotovelos, a atenção focada na porta do outro lado da choupana, pela qual Bieshimma e a amirante haviam passado. A curiosidade dela era tanta que chegava a *arder*, sensação que não se devia apenas ao fato de que fora convocada.

A aliança amarga de Estados-nações conhecida como Confederação Sardoviana enviara o general Bieshimma a sudeste do Continente, para as ilhas misteriosas do Domínio de Nenavar em uma tentativa de forjar uma alian-

ça. Talvez até mesmo reavivar uma, se fosse possível acreditar nas antigas histórias. No passado, o general fora um conselheiro político que trocara sua insígnia de gabinete por uma espada e um escudo, e era esperado que utilizasse toda a sua perspicácia diplomática para convencer a rainha nenavarina a ajudar a Sardóvia a derrotar o Império da Noite. Estava evidente que as coisas não tinham seguido de acordo com o plano, considerando aquele retorno rápido, mas ainda assim... Bieshimma estivera em *Nenavar*.

Talasyn sentiu um embrulho no estômago com o misto de interesse e inquietação que os pensamentos sobre o Domínio de Nenavar sempre evocavam nela. A jovem nunca fora até lá, nunca sequer tinha cruzado as fronteiras cada vez menores da Sardóvia, mas apenas a menção daquele arquipélago recluso do outro lado do Mar Eterno sempre deixara parte da jovem estranhamente vazia, como se ela houvesse se esquecido de algo muito importante e estivesse desesperada para descobrir o que era.

Durante seus vinte anos, nunca contara a ninguém sobre a conexão estranha que sentia com Nenavar. Era um segredo frágil demais para ser pronunciado em voz alta. Porém, falar com alguém que acabara de retornar de lá parecia um passo correto naquela direção.

Apesar da avidez, Talasyn diminuiu o passo ao se aproximar de um dos anseçadas que acompanharam o general Bieshimma em sua missão diplomática. O garoto exibia bochechas coradas devido ao frio que fazia lá fora, os flocos de neve derretendo no colarinho levantado do uniforme enquanto ele relatava a aventura para um pequeno círculo de convidados do casamento, que ouviam atentos.

Todos estavam de uniforme, incluindo a própria Talasyn. Calça de lã, bota grossa e casaco forrado cor de laranja. Não havia tempo para vestidos bonitos ou uma cerimônia elaborada. O casamento era um breve escape entre as batalhas.

— Foi tão ruim quanto da última vez que mandamos uma comitiva para o Domínio de Nenavar — dizia o anseçada. — Lembra, alguns anos atrás? Embora dessa vez tenham nos deixado desembarcar em vez de nos fazerem dar meia-volta no porto, foi só para descansarmos e pegarmos suprimentos. A rainha, a Zahiya-lachis, ainda se recusou a ter uma reunião conosco. Bieshimma conseguiu passar escondido pelos guardas e seguiu até a capital a cavalo, mas não obteve permissão nem para entrar no palácio real, pelo visto. As preocupações de forasteiros não são as preocupações do Domínio. Foi isso que os guardas do porto nos disseram quando tentamos argumentar com eles.

Um proeiro se inclinou para a frente, um brilho conspiratório nos olhos.
— E você viu algum dragão enquanto estava por lá?

Talasyr parou de andar, e as outras conversas ao redor foram morrendo enquanto diversos soldados esticavam o pescoço, visivelmente interessados.

— Não — respondeu o anspeçada. — Mas eu não saí das docas, e o tempo estava nublado.

— Acho que não tem dragão nenhum lá — declarou um homem da infantaria, fungando. — Só ouvimos os boatos. Na minha opinião, os ne-
navarinos estão fazendo uma jogada bem esperta, deixando o resto de Lir acreditar que os dragões deles existem. Ninguém vai querer mexer com você se seu exército supostamente tem à disposição um bando de lagartos gigantes que cospem fogo.

— Eu mataria por um lagarto gigante que cospe fogo — disse o proeiro, desejoso. — Daria para ganhar a guerra usando só unzinho.

O grupo começou a debater se um dragão conseguiria derrubar um porta-tempestades. Talasyr se afastou.

Uma avalanche de imagens vagas passou pela cabeça dela, vinda do nada, repentina, apenas por um instante. Talasyr mal conseguiu distinguir alguma coisa antes de as visões sumirem. Escamas lisas ondulando sob a luz do sol, e talvez uma coroa tão afiada quanto diamante, pálida como gelo. Algo dentro de si, despertando por causa da conversa do soldado, tentou lutar para sair.

Mas o *quê*...

Ela piscou, e as imagens desapareceram.

Devia ser algum efeito colateral da fumaça com cheiro de pinheiro das diversas fogueiras acesas na choupana, sem mencionar o calor que irradiava dos muitos corpos comprimidos na mesma estrutura estreita. Sol era bonzinho, cativante e adorado entre seus companheiros, o que explicava por que quase um quarto do regimento havia aparecido para celebrar seu casamento.

Com certeza estavam ali por causa dele, e não pela noiva (Khaede, que era grosseira, irritadiça e mordaz), mas, de qualquer forma, a adoração que Sol dedicava à amada equivalia à de cem pessoas.

Quando parou diante da porta fechada da sala lateral, Talasyr se virou e observou os recém-casados. Estavam rodeados de pessoas efusivas com canecas de cerveja quente em mãos e desejos de felicidades ao casal, enquanto a banda do regimento começava a entoar uma canção animada ao som de pífaro, corneta e tambor de pele de cabra. Sol, todo sorrisos, beijava

copiosamente o dorso da mão de Khaede, e ela até tentou franzir o cenho, irritada, mas falhou miseravelmente. Os dois estavam tão radiantes quanto os uniformes de inverno dos timoneiros permitia, e as guirlandas de flores secas penduradas no pescoço eram o único indicativo de que eram os noivos. De vez em quando, a mão livre de Khaede repousava sobre a barriga, ainda reta, e os olhos preto-azulados de Sol brilhavam como o Mar Eterno em um dia de verão contra a pele marrom-escura como carvalho.

Talasyne não tinha ideia de como aqueles dois iam cuidar de um bebê no meio de uma guerra que se espalhara por todo o Continente, mas estava feliz por eles. Não estava exatamente *com inveja*, mas observar os recém-casados acordava aquele mesmo velho anseio que nutrira em seus vinte anos como órfão: um lugar ao qual pertencer, alguém a quem pertencer.

Como seria ter isso?, perguntou-se Talasyne quando viu Sol dar uma risada de algo que Khaede disse, inclinando-se para esconder o rosto na curva do pescoço dela, o braço a envolvendo pela cintura. *Rir com alguém dessa forma? Ser tocada assim?* Ela sentiu uma dor tremular pelo corpo e se deixou imaginar aquela sensação, só um pouco, procurando pelo espectro de um abraço.

Um soldado ali perto, bêbado, cambaleou para a frente e derrubou cerveja no chão, ao lado das botas de Talasyne. O fedor amargo invadiu suas narinas, e ela estremeceu, brevemente dominada pelas memórias de infância de seus cuidadores que fediam a grãos fermentados e leite azedo, aqueles homens de palavras ásperas e mãos pesadas.

Aconteceu havia muitos anos. Já era um passado distante. O orfanato nas favelas fora destruído junto ao resto de Bico-de-Serra, e era provável que todos os cuidadores cruéis tivessem sido esmagados sob os destroços. Talasyne não poderia discutir uma *questão crucial* com os superiores se estivesse tomada pelo desespero só por causa de uma cerveja derramada.

A garota ajeitou a postura e acalmou a respiração, e então bateu com firmeza na porta da sala lateral.

Como se em resposta ao gesto, o retumbar profundo do latão dos gongos atravessou a fachada de calcário da construção, cortando aquela alegria como uma lâmina.

A música e a conversa cessaram. Talasyne e seus camaradas olharam em volta enquanto as torres de vigia continuavam ressoando o hino urgente. Primeiro, ficaram atordoados, incrédulos, mas, aos poucos, uma onda de movimento atravessou a choupana iluminada, os convidados do casamento entrando em ação.

O Império da Noite estava atacando.

Talasyn correu pela noite prateada, a adrenalina pulsando nas veias, entorpecendo-a enquanto seu corpo cortava o ar noturno congelante que chicotava seu rosto exposto. As luzes se apagavam por toda Abrunho-da-Geada, janelas quadradas de um dourado alegre desaparecendo na escuridão. Era uma precaução adotada para evitar se tornar um alvo fácil em ataques aéreos, mas não adiantaria nada. Todas as sete luas de Lir estavam no céu, exibindo suas diferentes fases minguantes e crescentes, lançando uma claridade gritante sobre as montanhas nevadas.

E, se as tropas kesathesas tinham trazido um porta-tempestades, a cidade inteira seria o equivalente a um dente-de-leão sendo soprado pela brisa. As casas eram erguidas com pedra e argamassa, cobertas de telhados de madeira e palha com muitas camadas, fortes o bastante para aguentar as duras intempéries, mas incapazes de resistir aos canhões de relâmpagos do Império da Noite.

Devido à sua localização remota, bem no alto das Terras Altas sardovianas, Abrunho-da-Geada sempre fora um vilarejo pacato, acomodado serenamente entre os tapetes de pinheiros perenes. No entanto, naquela noite, o lugar foi mergulhado no caos, com as pessoas da cidade, com suas grossas roupas de peles, correndo na direção dos abrigos, gritando frenéticas umas para as outras em meio ao turbilhão de atividade militar. Estava finalmente acontecendo: aquilo que todos temiam, o motivo do regimento de Talasyn ter sido mandado até ali.

Os arqueiros tomavam posições nas muralhas, os homens da infantaria organizavam barricadas nas ruas e os timoneiros se apressavam na direção da plataforma. Talasyn forçou a vista na direção do céu estrelado. Provavelmente *não* estavam sendo atacados por um porta-tempestades... àquela altura, ela já teria identificado sua enorme silhueta.

Ela apertou o passo e se juntou à multidão rumo à plataforma, dezenas de coturnos do Exército esmagando a neve até virar lama. Pareceu demorar eras até eles chegarem ao perímetro da cidade, onde coracles estreitos que exibiam as velas da Confederação, com suas listras laranja e vermelhas, estavam atracados em cima de plataformas de aço com padrão hexagonal. Curvados nas pontas como canoas, as pequenas embarcações aéreas, que foram apelidadas de vespas devido ao tamanho diminuto e à picada mortal, brilhavam sob o luar abundante.

Na corrida até seu coracle, Talasyn se viu ao lado de Khaede, que fazia o mesmo.

— Está maluca? — gritou Talasyn por cima do clamor dos gongos e dos berros de instruções dos oficiais. — Você está grávida de dois meses...

— Fala baixo — sibilou Khaede, com uma expressão resoluta no rosto marrom-escuro, avançando pela neve que caía. — Eu e o feijãozinho vamos ficar bem. Melhor você se preocupar consigo mesma.

Ela segurou o braço de Talasyn por um breve instante e desapareceu antes que a outra pudesse responder, engolida por um mar de timoneiros.

Talasyn passou os olhos pela plataforma em busca de Sol, praguejando baixinho quando viu que a vespa dele já tinha levantado voo. A garota duvidava que o amigo tivesse concordado com aquilo. Ela podia estar enganada, mas tudo indicava que Khaede e Sol estavam prestes a ter sua primeira briga como marido e mulher.

Mas não era hora de pensar naquilo. A distância, os coracles do Império da Noite surgiram acima de uma cordilheira arborizada. Essas embarcações eram chamadas de lobos: cruéis, de proas afiadas e caçando sempre em alcateia, armadas até os dentes, tão numerosas que pareciam dominar o horizonte, as velas pretas e prateadas oscilando na brisa fria.

Talasyn pulou para dentro da própria embarcação, tirando um par de luvas de couro marrom que enfiara no bolso do casaco, e saiu puxando as diversas alavancas com uma tranquilidade familiar. A vespa ergueu suas velas, e os corações de éter cristalinos integrados ao casco de madeira se acenderam, verde-esmeralda, fazendo a embarcação ganhar vida enquanto estalava com a magia dos ventos da dimensão Vendavaz que os feiticeiros sardovianos haviam destilado ali. A estática fez chiar o transmissor, uma engenhoca na forma de uma caixa cheia de mostradores e filamentos de metais condutores, o coração de éter ali dentro incandescente em branco, alimentado pela magia da Tempória, uma dimensão assolada por tempestades que produzia som, em geral na forma de trovão, mas que poderia ser manipulada para conduzir vozes a uma distância através de ondas do éter.

Com os dedos no timão, Talasyn zarpou da plataforma, a embarcação cuspidendo fumaça verde mágica, e então entrou na formação de seta junto a todas as outras embarcações aéreas sardovianas.

— Qual é o plano? — indagou ela no bocal do transmissor, a pergunta ecoando pela frequência da onda do éter usada por seu regimento.

Da ponta da formação, Sol respondeu, com um tom de voz tranquilo que só ele conseguia usar durante uma batalha. As palavras saíram da corneta em cima do transmissor, enchendo o poço do coracle de Talasyn:

— Estamos em menor número, dez para um, então nossa melhor aposta é usar as táticas defensivas padrão. Tentem mantê-los longe das muralhas da cidade até que os moradores estejam nos abrigos.

— Afirmativo — respondeu Talasyn. Ela não arriscaria contar a ele sobre Khaede, não quando todos os seus camaradas estavam ouvindo, e não quando precisavam que ele estivesse focado. Ainda assim, ela não resistiu e acrescentou: — Aliás, parabéns pelo casamento.

Sol riu.

— Obrigado.

As vespas sardovianas formaram seu enxame apertado ao redor das muralhas de Abrunho-da-Geada, e as embarcações kesathesas as enfrentaram pela dianteira. Por mais que um coracle vespa não se comparasse às múltiplas bestas de repetição ou aos ribauldequins que atiravam ferro dos lobos do Império da Noite, a embarcação compensava e muito com pura agilidade (agilidade que Talasyn botou em prática para ganhar uma tremenda vantagem durante os atordoantes minutos seguintes). Ela se lançou através do ar noturno, desviando de diversos virotes mortais e lançando também os seus próprios com as bestas fixadas na popa do barco. Os coracles inimigos tinham pouca destreza para manobras, e a mira dela era certa na maior parte das vezes, rasgando velas e destroçando cascos de madeira.

Porém, havia lobos *demais*, e não demorou muito para a frota deles romper o perímetro defensivo, rugindo cada vez mais perto dos telhados de palha de Abrunho-da-Geada, iluminados ao luar.

E lá, no horizonte...

O coração de Talasyn quase foi parar na boca quando ela viu a silhueta monstruosa de dois mastros de um encouraçado kesathês pairando acima de um cume coberto de neve, em meio a nuvens revoltas de éter esmeralda. Para enfrentá-lo, duas fragatas sardovianas — com velas completas e quadradas, embarcações menores em tamanho, mas ainda assim tão repletas de canhões quanto as outras — se levantaram do vale próximo, onde estavam à espera das vespas sardovianas.

Seria um massacre, mas ao menos o Império da Noite não trouxera um porta-tempestades. Desde que não houvesse um porta-tempestades, ainda havia uma chance.

Talasyn velejou até o ponto em que a batalha estava mais intensa, lançando sua vespa em meio ao caos. Ela lutou e voou como nunca antes. Pelo canto do olho, via as embarcações de seus companheiros se irromperem em chamas ou se estilhaçarem contra as muralhas e copas de árvores ao redor.

Havia pouco, estavam todos seguros e despreocupados na choupana, celebrando o casamento de Khaede e Sol.

Aquilo fora uma ilusão. Não havia nenhum lugar quente, nenhum vislumbre de alegria que estivesse a salvo da Guerra dos Furacões. O Império da Noite de Kesath destruía tudo que tocava.

As primeiras brasas de um incêndio cresceram dentro dela. Saíram rasgando do seu âmago até a ponta dos dedos como agulhas incandescentes, escondendo-se embaixo da pele.

Chega, ordenou ela a si mesma. Ninguém pode saber.

Você prometeu à amirante.

Talasyn engoliu aquela sensação de ardência, acalmando as chamas que devastavam sua alma. Ela percebeu, tarde demais, que diversos lobos conseguiram segui-la enquanto estava distraída. Os projéteis de ferro dos ribauldequins acertaram sua embarcação aérea de todos os lados, e não tardou até o mundo se transformar em um rodópio em queda livre rumo ao chão.



CAPÍTULO 2

Em seu sonho, ela voltou a ter quinze anos, e a cidade de Bico-de-Serra era toda feita de terra batida, treliças de madeira e peles de animais, erguendo-se da grama cor de palha da Grande Estepe como um bolo de camadas acomodado de forma precária dentro das enormes muralhas de tijolos de barro e sal. Ela estava fugindo dos vigias, os bolsos da roupa rasgada cheios de pão amassado e frutas secas, amaldiçoando a antena ligada do lojista a cada respiração ofegante.

Bico-de-Serra era... ou foi... uma cidade que subia mais em direção aos céus do que se espalhava pela terra. Os habitantes aprendiam ainda em uma idade muito tenra a como ir cada vez mais alto, e Talasyn não era uma exceção. Escalou escadas e parapeitos, correu por telhados e atravessou as pontes suspensas que conectavam as construções, enquanto todos os vigias a perseguiram, assoprando os apitos feitos de osso de pássaro. Ela correu e correu, subindo mais alto, sentindo a dor familiar que a cidade deixava nos braços e pernas e o arroubo do medo quando os vigias se aproximavam de seus calcanhares. Ainda assim, ela continuou, rumo ao ar e ao céu, até chegar ao parapeito da muralha oeste. O vento gelado a assolou com força, golpeando os lábios secos, os apitos insistentes e agudos às suas costas.

Ela planejava dar a volta pelas muralhas da cidade e então descer outra vez para as favelas lá embaixo, onde vivia com os outros desfavorecidos, e onde dava trabalho demais aos vigias continuar a perseguir uma rata órfã das ruas que roubara alguns pães e frutas. No entanto, quando se endireitou, equilibrando-se no parapeito de tijolo de barro, a Grande Estepe espar-

ramada por quilômetros em uma enorme extensão de grama e arbustos, ela viu.

O porta-tempestades.

Pairava rente ao horizonte, como um artrópode elíptico, os canhões de relâmpago pendurados da proa à popa como um conjunto de pernas articuladas. Na lembrança de Talasyn, tinha quinhentos metros de comprimento. No sonho, era do tamanho de um mundo.

Alimentado por inúmeros corações de éter, imbuídos com a magia de chuva, vento e relâmpago pelos Feiticeiros astutos do Imperador Gaheris, pulsando em tons de safira, esmeralda e branco através dos painéis de metalidro que compunham o casco translúcido, o porta-tempestades se aproximou de Bico-de-Serra com a determinação soturna de um maremoto, arrastando nuvens negras de tempestade consigo: o mar sem fim de grama queimada se curvava abaixo dele, envergado pelos ventos gerados pelo Vendavaz e que se espalhavam pelo céu cada vez mais escuro.

Talasyn ficou parada ali, aterrorizada. Em sua lembrança, ela fugira, descendo a cidade, mergulhando no primeiro abrigo que encontrou, mas, no sonho, o corpo se recusou a obedecer. O porta-tempestades se aproximava, e o vento rasgava seu coração como virotes de ferro, e de repente...

Ela acordou.

Abriu os olhos, um arquejo escapando pelos lábios. Uma fumaça espessa adentrou os pulmões, e ela tossiu, a garganta sofrendo um espasmo como se tivesse sido queimada. O mundo estava banhado por uma luz vermelha, faiscando com metalidro estilhaçado. As mãos enluvadas se atrapalharam com a fivela da cintura, até que o cinto cedeu e ela caiu sobre uma camada de neve, fragmentos da escotilha lateral da vespa caindo como chuva ao seu redor.

Ela ficou desorientada por um instante, enquanto a névoa do seu inconsciente ia embora, e o véu entre os sonhos e a realidade se desintegrava e se tornava fogo e inverno, o coração tão acelerado que ela não conseguia respirar direito. Ela não estava em Bico-de-Serra, encarando o porta-tempestades do Império da Noite enquanto ele eclipsava os céus. Em vez disso, encontrava-se em algum ponto da periferia de Abrunho-da-Geada, olhando para trás, para a vespa que se espatifara de lado, as chapas elegantes distorcidas em ângulos estranhos e as velas listradas consumidas por chamas intensas que vinham do coração de éter de Fogarantro rachado que alimentava as lamparinas, subindo devagar para consumir o restante da embarcação.

Ela respirou fundo e devagar, uma vez e então outra, até o tempo parecer voltar ao lugar. Até ela estar com vinte anos, e qualquer traço da civilização que habitara a Grande Estepe da Sardóvia desaparecer, aniquilada pelas forças de Kesath como punição por terem se recusado a se submeter ao Imperador da Noite.

Se a Sardóvia perdesse a batalha daquela noite, o mesmo destino aguardava as Terras Altas, o lugar para o qual Abrunho-da-Geada servia como portão de entrada.

Tossindo para expelir o restante da fumaça, Talasyn se arrastou para longe dos destroços. Os lobos haviam lançado sua vespa danificada sobre a floresta de pinheiros que beirava Abrunho-da-Geada até o outro lado do lago glacial nas montanhas. Através de uma distância marcada por gelo flutuante e água escura, através de espaços entre os troncos grossos, ela conseguia ver as edificações arruinadas, as silhuetas correndo e o incêndio. Não havia nem sinal dos coracles, do encouraçado kesathês nem das fragatas sardovianas, o que significava que os dois lados haviam partido para um enfrentamento terrestre. Ela devia ter ficado inconsciente por um tempo *considerável*. Por fim, sua cabeça parou de girar e suas pernas lembraram o que fazer, e ela se levantou, correndo pelo lago, navegando um caminho traiçoeiro ao avançar por pedaços grandes de gelo.

Pelas barbas por fazer do Pai Universal, ali estava mais frio do que o coração do Imperador da Noite. Uma névoa prateada se formava no ar cada vez que ela respirava. Através da fumaça, ela conseguiu ver uma multidão em pânico saindo da floresta da margem mais distante, tanto soldados sardovianos quanto civis. Alguns seguiram na direção das cavernas, enquanto outros preferiram se arriscar no gelo. A luz das sete luas de Lir brilhava sobre todos eles, destacando as montanhas brancas nos arredores.

Preciso chegar do outro lado do lago, pensou ela. Preciso alcançar Abrunho-da-Geada. Preciso me juntar à luta de novo.

Talasyn quase alcançara a margem da floresta quando faixas de escuridão se desdobraram da árvore e pairaram sobre a neve, consumindo os blocos de gelo em uma onda sinistra formada pelas trevas.

Ela derrapou até parar a escuridão a circundando, tremulando com éter. Não era a escuridão da noite ou a fumaça da batalha que já começara na montanha. Era mais profunda e pesada, mais viva. *Mexia-se*, curvando-se sobre o lago congelado como tentáculos.

Talasyn já encontrara essas sombras antes em diversos campos de batalha. Quando formavam anéis daquele tipo, eram implacáveis, prendendo

todos em seus domínios. Os regimentos sardovianos aprenderam do jeito mais difícil que tentar atravessar aquelas barreiras resultava em ferimentos graves, e talvez até desmembramento. Era uma das táticas favoritas dos guerreiros Forjadores de Sombras que compunham a Legião mais temida do Império da Noite. Se o Imperador Gaheris os tinha mandado até ali, as chances de Abrunho-da-Geada de se defender de um cerco seriam consideravelmente menores.

Assim como as chances de sobrevivência de Talasyn.

Ela ficou imóvel como uma estátua, escutando o rangido de passos no gelo e os gritos de pessoas que ela não via através do ar preto nebuloso.

— Matem os que fugiram — instruiu uma voz masculina, pegajosa e gutural como uma mancha de óleo, não muito distante dali.

Talasyn reprimiu um xingamento. Se a Legião estava vasculhando o lago, isso significava que eles não precisavam mais ficar na cidade e que o regimento sardoviano se espalhara. Abrunho-da-Geada estava condenada. O restante das Terras Altas logo teria o mesmo destino, já que o vilarejo de posição estratégica mais importante da região encontrava-se no momento sob o comando do Império da Noite.

Ela sentiu uma onda de horror e pânico, que então deu lugar a uma fúria ardente. Ela não pedira por aquilo; o povo de Abrunho-da-Geada não pedira por aquilo. Ninguém na Sardóvia queria uma coisa daquelas. Algumas horas antes, o regimento celebrava o futuro de Khaede e Sol, e, no momento, estavam sendo massacrados como ratos sobre o gelo. Eliminados, um por um. Ali estavam apenas ela, a noite, a água escura e o Forjador de Sombras, à espreita, circundando-a como uma gaiola. Ela *não* deixaria que as coisas acabassem daquela forma.

A ira de Talasyn era acompanhada por uma faísca em seu âmagô. Ela a sentiu queimar assim como queimara mais cedo, porém, dessa vez, com mais intensidade. Afiada, radiante, e exigindo que a justiça fosse feita.

E doía. Era como se o corpo inteiro de Talasyn estivesse em chamas. Ela precisava deixar que aquela força saísse antes que a consumisse por inteiro.

Não deixe que ninguém veja, avisara a amirante. Você ainda não está pronta. Eles não podem saber.

Você será caçada.

Talasyn fechou os olhos em uma tentativa de se concentrar, engolindo as emoções como se fossem bile. Pouco depois que conseguiu fazer *aquilo*, o gelo começou a oscilar sob seus pés, e ela ouviu cristais se partindo sob uma armadura pesada. Sua nuca começou a coçar com o peso do olhar que decerto

analisava o brasão da Confederação Sardoviana (uma fênix, a mesma que adornava as velas do regimento) costurada nas costas do casaco da jovem.

— Está perdida, passarinha?

Era a mesma voz pegajosa. Passos comedidos se aproximaram, e o rosado estático denunciava que o Sombral fora aberto. O fogo dentro de Talasyn inflamou, como uma barragem prestes a se romper.

Não havia para onde correr.

Eu não vou morrer. Aqui, não. Agora, não.

Talasyn se virou para combater seu agressor de frente.

O legionário tinha *pelo menos* dois metros de altura, e seu corpo estava inteiro coberto por placas obsidianas, os punhos com manoplas segurando um enorme feixe de pura escuridão, com fios de éter prateado. A lâmina estalava quando ele a ergueu acima da cabeça de Talasyn.

Então aconteceu o mesmo que se sucedera no dia em que Bico-de-Serra fora destruída. Foi instinto. O corpo lutando com unhas e dentes para sobreviver.

A magia se esparramou por ela como se fossem asas se abrindo.

Talasyn bloqueou a espada forjada pelas sombras com uma onda brilhante. A tapeçaria do éter que prendia todas as dimensões e continha todos os elementos apareceu em sua mente, e ela repuxou aqueles fios, abrindo um caminho até a Luzitura. Algo irrompeu por seus dedos estendidos, puro, sem forma e controle, pintando todos os arredores em tons de um dourado ofuscante.

Da última vez que aquilo acontecera — quando as tropas kesathesas se esgueiraram pelas ruínas de Bico-de-Serra depois que o porta-tempestades esmigalhara a cidade, procurando sobreviventes que seriam feitos de exemplo —, o soldado que mirara a besta em Talasyn, então com quinze anos, morrera na hora. A carne e os ossos foram devorados pela Luzitura. O atual legionário gigante conseguiu bloquear o golpe dela, o feixe se transformando em um escudo oval escuro, e o brilho colidiu como um golpe de fogo. No entanto, Talasyn estava desesperada e ele fora pego de surpresa, e o gigante soltou um grito enquanto a luz consumia as sombras. O homem foi arremessado ao chão com a armadura chamuscando.

As forças sardovianas haviam chegado tarde demais para salvar Bico-de-Serra, mas bem a tempo de resgatar aqueles que sobreviveram à fúria do porta-tempestades. Foi o comandante Darius quem testemunhara Talasyn matar o soldado kesathês, e ele a levava às pressas direto para a amirante.

Naquela noite, no gelo das Terras Altas, ninguém iria salvá-la. Ela estava sozinha até conseguir voltar para o seu regimento em Abrunho-da-Geadá.

E ela não deixaria que *ninguém* ficasse em seu caminho.

Foco, dizia a amirante, repetidas vezes, durante suas sessões de treinamento. Palavras sobre as quais meditar. O éter é o elemento principal, aquele que une todos os outros e conecta as dimensões. De tempos em tempos, um etermante nasce no mundo — alguém capaz de atravessar o caminho do éter de formas específicas. Trovadores de Águas. Dançarinos de Fogo. Forjadores de Sombras. Invocadores de Ventos. Domadores de Relâmpagos. Feiticeiros. E você.

A Luzitura é o fio, e você é a tecelã. Vai fazer o que você mandar.

Então diga o que você quer que faça.

O legionário gigante se debatia no gelo como uma tartaruga com o casco virado, a armadura pesada rachada em diversos lugares, o sangue vazando. Talasyn estreitou os olhos para ele e estendeu o braço, os dedos espalmados repuxando de volta o véu entre esse mundo e os outros, abrindo a Luzitura de novo. A arma que apareceu na palma de sua mão aberta, invocada de um dos diversos universos de energia mágica que existiam dentro do etercosmos, lembrava as adagas compridas de lâminas largas que salvaram muitas vidas dos homens da infantaria sardoviana em combate, mas a que Talasyn usava era feita apenas de luz dourada e éter prateado. As beiradas serrilhadas ardiam na penumbra como raios de sol.

O pânico do legionário era quase tangível, apesar da máscara que usava. Ele rastejou de costas com os cotovelos enquanto Talasyn continuava a avançar. Parecia que as pernas dele não estavam funcionando direito, e talvez, em outra época, uma parte dela teria estremecido com o pensamento de matar alguém que estava tão incapacitado e indefeso. Porém, ele era da Legião, e a Guerra dos Furacões a endureceu, perda atrás de perda desgastando a criança que ela fora até não sobrar nada além de raiva.

E a luz do sol.

Talasyn enfiou a adaga no peito dele... ou ao menos *tentou*. Naquele breve segundo antes de a ponta da arma encontrar a proteção do torso, alguma coisa...

... alguém...

... se precipitou da escuridão...

... e a adaga dela deslizou contra a beirada crescente de uma foice de guerra, conjurada do Sombral.

Com sua concentração perturbada, a adaga tecida de luz chamuscou e se apagou, e Talasyn segurou o ar vazio. Também foi instintivo o pulo que ela deu para trás, evitando por pouco o golpe seguinte do agressor.

Os raios de luz das sete luas destacaram em tons esmaecidos outro legiãoário, que apesar de não ser tão estatuesco quanto o gigante que Talasyn acabara de derrubar, ainda assim era alto, largo e imponente. Por cima de uma túnica de cota de malha de mangas compridas, ele vestia uma couraça preta com um cinto de couro escarlate, com ombros de espinhos perfurantes e protetores nos braços de escamas escarlates que se conectavam a manoplas pretas, as pontas afiadas como garras. O capuz forrado de pelos de uma capa de inverno da cor da meia-noite emoldurava o rosto pálido, e a metade inferior era escondida por meia máscara de obsidiana gravada com desenhos de duas fileiras de dentes de lobo, terrivelmente afiados, capturados em um rosnado permanente.

O efeito era aterrorizante. E, por mais que Talasyn nunca tivesse se encontrado com aquele Forjador de Sombras antes, ela sabia quem era. Ela sabia o que significava a quimera prateada do broche preso ao colarinho. Uma cabeça de leão rugindo colocada sobre o corpo serpentino de uma enguia escamosa, erguendo-se em patas de um antílope saola. Era o selo imperial de Kesath.

O medo roubou o ar dos seus pulmões, tão afiado quanto o inverno das montanhas.

As pessoas sempre diziam que Alaric da Casa de Ossinast, mestre da Legião Sombria e o único filho e herdeiro de Gaheris, tinha olhos cinzentos perfurantes. Aqueles olhos cintilavam com um brilho prateado gélido sob as sete luas, encarando-a diretamente.

Talasyn sabia quem ele era. E sempre soubera que um dia precisaria enfrentá-lo.

O dia chegou cedo demais.

Ele se lançou sobre ela com a foice tremeluzente de fumaça e escuridão, e sem dúvida o pavor que a garota sentia estava estampado no rosto e nos lábios trêmulos. Agindo por instinto, Talasyn invocou a Luzitura para formar duas adagas, uma para cada mão instável. A foice colidiu contra a adaga da direita, fazendo com que seu braço inteiro vibrasse enquanto ela a erguia e usava toda a sua força para empurrar a arma inimiga para longe, mas o adversário se recuperou rápido, atacando-a outra vez.

Ah, agora ele vai ver só.

Talasyn lutava com frequência contra a mestre de armas do regimento sardoviano como parte do seu treinamento, mas nenhum golpe de espada de metal poderia se equiparar à pura magia que pulsava do Sombrial, e praticar com um mentor era fácil, se comparado a um embate com alguém que

estava tentando matá-la. *Especialmente* quando esse alguém tinha quase o dobro do seu tamanho e havia treinado para ser um Forjador de Sombras desde o instante em que aprendera a andar.

Tudo que Talasyn conseguia fazer era desviar e bloquear os golpes de Alaric enquanto ele a empurrava pelos blocos de gelo, o subordinado ferido completamente ignorado. Cada barreira de escuridão se dissipava conforme os dois passavam, como se ele as estivesse dispersando... mas para quê? Talvez ele sentisse algum tipo de euforia sádica ao prolongar aquela luta, em brincar com ela como um gato faria com um rato. Ela nunca saberia, e não ia perguntar.

O príncipe-herdeiro de Kesath era implacável. Ele se mexia como uma tempestade, poderoso e em todos os lugares ao mesmo tempo. As sombras se chocavam contra a luz em um conflito de faíscas de éter. Uma, duas, um milhão de vezes. Os pedaços de gelo mais frágeis rachavam sob as botas de Talasyn, respingos de água do lago molhando a calça de lã e causando pontadas de dor onde pousavam. A arma dele facilmente sobrepujava as suas, e, em mais de uma ocasião, ela tentou moldar sua vontade desesperada em um escudo, tentando alcançar aquilo que sempre lhe escapara desde que começara a trabalhar na arte de eternância, mas ainda assim *não conseguia*. Mais de uma vez, ela ficou completamente vulnerável ao fracassar em conjurar um escudo, a foice dele rompendo a arma precária que ela invocara às pressas, e ela recebeu cortes afiados de sombras nos braços em resposta às suas tentativas.

E então Talasyn se desequilibrou na beirada do bloco de gelo, e Alaric desferiu a foice de guerra em um golpe lateral. A jovem não teve tempo de se virar e bloquear o golpe, e também não sabia como fazer um escudo...

Ela juntou as mãos. As duas adagas se transformaram em um chicote de roldão, que ela virou na direção dele. A corrente dourada se enroscou na lâmina da foice e *prendeu*, e ela o puxou para si com toda a sua força.

Ele trocou o peso de perna e enterrou as botas no gelo, frustrando a tentativa de Talasyn de derrubá-lo. Estavam apenas a centímetros um do outro, os dois a um único movimento insensato de cair no lago, as armas emaranhadas ao lado do corpo. O capuz de Alaric havia caído em algum momento do combate, revelando uma coroa de cabelos negros ondulados e bagunçados. Os olhos que Talasyn conseguia ver acima do rosnado afiado da meia máscara eram aguçados e determinados de uma forma afitiva. O homem era alto o bastante para ela precisar erguer o queixo para sustentar seu olhar.

Talasyr respirava com dificuldade por causa do esforço, e ele também parecia ofegante, o peito largo subindo e descendo em batidas descontroladas. Porém, quando ele falou, foi com uma voz baixa e tranquila, tão profunda que parecia fazer a noite ficar mais escura ao redor dos dois.

— Eu não estava ciente de que a Sardóvia tinha uma nova Tecelã de Luz à sua disposição.

Talasyr cerrou a mandíbula.

Dezenove anos antes, em um evento que ficou conhecido como Cataclisma, duas nações vizinhas na Confederação Sardoviana entraram em guerra. De um lado, Solstício, que era o lar de todos os Tecelões de Luz do Continente. Do outro, o reino governado por Sombras de Kesath. Depois que os Tecelões de Luz assassinaram Ozalus Ossinast, o filho dele, Gaheris, subiu ao trono e liderou Kesath rumo à vitória, anexando Solstício a seu território. Ao mesmo tempo, Kesath se separou da Confederação Sardoviana e se autointitulou Império da Noite. Gaheris assumiu o manto de Imperador da Noite, e ele e sua Legião Sombria mataram todos os Tecelões de Luz e destruíram seus santuários para que não houvesse mais qualquer traço de sua existência no Continente. Exceto...

— Seu pai tirano e genocida se esqueceu de um — vociferou Talasyr, ficando na ponta dos pés e...

... dando uma *cabeçada* na testa dele.

Uma dor lancinante se espalhou entre os olhos dela. A pouca distância dele, Talasyr viu o príncipe kesathês recuar, a foice escura desaparecendo, a mão enluvada subindo para tocar o que ela torcia muito para que fosse uma rachadura no crânio.

A jovem, no entanto, não quis ficar para ver. Ela refez o chicote de roldão para voltar a ser uma adaga e a fincou no ombro dele com força. Alaric deixou um grunhido escapar. Ela se virou, a arma radiante desaparecendo, e então *correu* — pelos blocos de gelo, ignorando a dor de cabeça lacerante, em meio ao luar na direção das árvores.

Não olhou para trás sequer uma vez, com medo do que encontraria caso fizesse isso.



CAPÍTULO 3

O gemido lamurioso de um berrante coou pela montanha no instante em que Talasyn adentrou a parte mais espessa da floresta de pinheiros e arbustos. Era o sinal de retirada, e ela mudou o trajeto, indo para as docas, e não para a cidade. Com o rosto machucado e coberto de sangue, além dos cortes nos braços, com o casaco inundado de suor e os ouvidos zumbindo dos ecos da adrenalina e dos ferimentos, ela passou pelas árvores.

O céu da noite estava tingido de vermelho devido aos restos do incêndio fumegante de Abrunho-da-Geada. As enormes carracas de madeira da Confederação Sardoviana desdobraram suas velas na brisa manchada pela fumaça, os cascos já a vários metros do chão com escadas de corda estendidas pelas laterais dos deque. Soldados e cidadãos subiam por elas como uma colônia de formigas. Talasyn apertou o passo na direção da carraca maior, *Veraneio*, e subiu pela primeira escada de corda que encontrou, engolida por uma mistura de alívio e apreensão.

Seus camaradas ainda não a haviam deixado para trás, mas *estavam* indo embora, cedendo mais território ao Império da Noite. Um território que não poderiam perder.

Talasyn aterrissou no deque de quatro. Estava tudo um caos. As pessoas corriam de um lado para o outro, e os médicos cuidavam de ferimentos graves. Talasyn só conseguia distinguir os soldados das outras pessoas devido aos brasões nos uniformes, manchados por cinzas, sujeira e sangue.

As escadas de corda foram puxadas quando a carraca zarpuu por cima das Terras Altas cobertas de neve em nuvens de esmeralda de magia dos ven-

tos. Talasyn olhou para Abrunho-da-Geadá, os telhados incendiados e as paredes destruídas ficando cada vez menores a distância. Ela deu as costas, sem conseguir continuar encarando o que restara do lugar onde encontraram um instante de paz e felicidade. A garota congelou ao avistar um casal a alguns metros de distância. E então, o pouco que restava do mundo dela se partiu.

Agachada embaixo do anteparo, Khaede segurava o corpo inerte de Sol nos braços, a cabeça dele apoiada no colo. A roupa dos dois estava coberta do sangue dele, que saía de um buraco aberto em seu peito. Um virote de besta banhado em líquido escarlate encontrava-se no chão de madeira.

Talasyn sabia que Sol se fora antes mesmo de caminhar até lá, as pernas bambas. Os olhos preto-azulados dele encaravam os céus sem piscar. As lágrimas rolavam pelas bochechas de Khaede enquanto ela acariciava o cabelo escuro do marido, a aliança de casamento que ele colocara nela poucas horas antes brilhando sob a luz da lua e das lamparinas.

— Ele quase conseguiu — sussurrou Khaede, assim que percebeu que era Talasyn que se sentara ao lado dela. — As nossas vespas foram derrubadas, e lutamos até chegar às docas. Subimos a escada. Ele me fez ir primeiro. E só quando eu me virei para ajudá-lo a subir no deque, eu vi essa... — Ela indicou o virote com a cabeça. — Essa *coisa* saindo do peito dele. Aconteceu tão rápido. Eu nem vi acontecer. Eu...

Khaede respirou fundo, trêmula. Ficou em silêncio, sequer fungando, embora as lágrimas continuassem a cair. A mão dela foi ao coração de Sol e permaneceu ali, ao lado de onde o arqueiro kesathês o acertara com precisão, os dedos dela ficando mais vermelhos por causa do ferimento mortal.

Talasyn não sabia o que fazer. Sabia que Khaede era o tipo de pessoa que detestava qualquer coisa que se assemelhasse à pena e que rejeitaria brutalmente qualquer tentativa de conforto. Talasyn nem sequer conseguia chorar por Sol, porque os anos que passou na Grande Estepe haviam embotado a parte dela que conseguia chorar, muito antes da Guerra dos Furacões. Ela considerava aquilo uma coisa boa, de certa forma — se fosse chorar por todo mundo que morresse em batalha, nunca pararia —, mas, no momento, ao ver o corpo sem vida de Sol, lembrando-se dos sorrisos gentis e das brincadeiras animadas, do quanto ele fizera sua amiga feliz, aquele entorpecimento a deixava com asco. Por acaso ele não merecia as lágrimas que ela estava exausta demais para oferecer?

O olhar dela desceu para a barriga de Khaede, e Talasyn sentiu a bile na garganta.

— Você precisa avisar a Vela que está grávida. Para ficar fora de combate.

— Vou lutar até não conseguir mais — disse Khaede, em um rosnado baixo. — Não *ouse* falar nada para ela. Eu sou a melhor timoneira em toda a Confederação. Vocês precisam de mim. — Ela levou à barriga a mão que não repousava sobre o peito sem movimento de Sol. — O bebê vai ficar bem. — Seu lábio inferior estremeceu, e ela contraiu a boca em uma linha fina e resoluta. — Vai ser forte como o pai.

A tristeza e a resiliência no rosto de Khaede fizeram com que Talasyn decidisse deixar o assunto para depois. Aquela não era a hora. Em vez disso, ela vasculhou o deque agitado em busca do clérigo que havia celebrado o casamento... e viu os robes amarelo-claros saindo de uma mortalha improvisada que cobria uma silhueta imóvel.

Então era ela que precisaria fazer isso. Assim como fizera com os outros nos campos de batalha em todo o Continente, quando estavam longe demais dos santuários dos deuses e das casas de cura.

Talasyn se inclinou sobre Sol e, com gentileza, fechou os olhos que nada viam, tocando na pele que ainda emanava calor.

— Que sua alma encontre abrigo nos salgueiros — murmurou —, até todas as terras se afundarem sob o Mar Eterno e nos encontrarmos de novo.

Ao lado dela, Khaede respirou fundo outra vez, e quase pareceu um soluço. A carraca prosseguiu em seu voo, sobrevoando montanhas e vales, levada pelos remos do inverno e pela luz das estrelas.

— Por que Kesath não trouxe um porta-tempestades?

A pergunta de Talasyn rompeu o silêncio que se instaurara no escritório da amirante depois da reunião. Ela ajudara a embrulhar Sol em uma mortalha e fizera Khaede se acomodar em um leito livre havia meia hora. No momento, Talasyn estava sentada de frente para Vela, tendo trocado a roupa chamuscada e úmida por um cobertor que fora jogado sobre seus ombros, vestindo apenas as roupas de algodão embaixo.

— Considerando o terreno e as condições climáticas, acrescentar mais mudanças no tempo teria sido desastroso para todos os lados. Avalanches costumam abalar a moral do exército. — Vela falava com uma autoridade serena atrás da escrivãzinha. — Sem mencionar que, comparando o tamanho relativamente pequeno de Abrunho-da-Geada com o de cidades das planícies ou na costa, o índice de baixas de civis e aliados teria sido alto demais.

— Foi por isso que *nós* não trouxemos um porta-tempestades — concluiu Talasyn.

— Exato.

A sombra de um sorriso sardônico surgiu nas feições cansadas da amirante. Alguém da Legião arrancara o olho esquerdo dela havia um ano e, em seu lugar, encontrava-se um tapa-olho de cobre e aço entalhado lindamente que apenas ajudava a acentuar a figura temível dela entre sua tropa.

— No caso de Kesath, suspeito que acreditavam que não precisariam de um para vencer — acrescentou a amirante. — *Também* suspeito que eles se contentaram em apenas nos expulsar de lá, sem virem atrás de nós, porque já tinham conseguido o que queriam.

— De fato conseguiram — disse o comandante Darius, seco. Ele estava recostado na parede, de braços cruzados, uma imitação exausta do oficial bem-humorado com que Talasyn havia conversado na choupana. — Agora que está em posse de Abrunho-da-Geada, Gaheris está em posição ideal para conquistar o resto das Terras Altas. Não vai demorar muito até ele fazer o Rei da Montanha se curvar.

Vela não respondeu, e Darius suspirou, encarando-a com um olhar taciturno.

— Ideth, os territórios da Confederação Sardoviana encolhem a cada ano que passa. Logo não vai restar para onde correr.

— Então o que prefere que façamos? — rebateu Vela. — A rendição não é uma opção. Nós dois sabíamos disso quando saímos de Kesath. Gaheris deixou muito claro: qualquer um que seja um obstáculo ao destino do seu império terá um fim terrível.

Foi a vez de Darius ficar em silêncio, embora seu olhar continuasse fixo na amirante. Não foi a primeira vez que Talasyn se sentiu uma intrusa testemunhando uma conversa que não conseguia compreender por completo. Vela e Darius tinham uma linguagem silenciosa própria. Eles se conheciam desde o tempo em que Vela era uma nova recruta da frota kesathesa. Dez anos antes, desertaram junto a diversos outros oficiais e soldados leais, roubando oito porta-tempestades e cruzando a fronteira da Sardóvia.

Vela e Darius eram firmes em sua determinação de impedir que o reinado cruel do Imperador da Noite dominasse todo o Continente. Porém, a Guerra dos Furacões persistia, e a Sardóvia possuía apenas cinco porta-tempestades restantes. Talasyn começava a ver as rachaduras nas fachadas que seus superiores mantinham.

Darius esfregou o rosto, exausto.

— Se ao menos Bieshimma tivesse conseguido — murmurou. — Se ao menos o Domínio de Nenavar tivesse concordado em ajudar.

— Era um objetivo ambicioso, na verdade — disse Vela. — Eles já tinham recusado nossa comitiva anterior. Tenho certeza de que os nenavarinos ainda estão se recuperando da última vez que decidiram ajudar uma nação sardoviana.

E lá estava outra vez, o batimento acelerado de Talasyn que acompanhava tudo e qualquer coisa relacionada ao Domínio.

— Então é verdade? — perguntou ela. — Nenavar mandou navios para ajudar os Tecelões de Luz em Solstício durante o Cataclisma?

Ela escutara as histórias antigas, sussurradas em tavernas e mercados, contadas nos quartéis.

— Isso mesmo — confirmou Vela. — Eu era contramestre na frota kesathesa na época. Eu vi a flotilha nenavarina a distância, mas eles nunca chegaram às nossas margens. O imperador Gaheris mandou o protótipo do porta-tempestades para encontrá-los.

— Era o projeto especial do pai dele — acrescentou Darius, os lábios contorcidos em desdém. — Ozalus tinha acabado de morrer na batalha. Gaheris estava recém-coroadado, tomado por raiva e desespero. Ele mandou que o primeiro porta-tempestades fosse enviado. Nem tinha sido testado ainda, mas funcionou. A flotilha nenavarina nem sequer teve chance de se defender.

Talasyn imaginou a cena: arroubos de ventos em linha reta, torrentes de chuva forte, ondas de relâmpagos avassaladoras se desdobrando sobre a água azul-escura do Mar Eterno e esmagando as naves aéreas do Domínio como se fossem palitinhos. Depois que Kesath anexou Solstício e se tornou o Império da Noite, deu continuidade à construção daquelas terríveis armas, embarcações gigantescas e reforçadas, quase impossíveis de derrubar, e que arrasavam a terra em sua devastação imensurável.

Cada porta-tempestades exigia centenas de corações de éter para funcionar por completo, mas as minas de Kesath estavam à beira do esgotamento, e, portanto, Gaheris pediu ajuda aos vizinhos. Os Estados remanescentes da Confederação da Sardóvia se recusaram. Decidindo que iria tomar o suprimento de corações de éter da Sardóvia à força, Gaheris começara a conquistar uma cidade da Confederação após a outra, seu Império da Noite crescendo a cada vitória. Vela, Darius e seus homens haviam se rebelado e trazido a tecnologia dos porta-tempestades para as forças sardovianas, e, uma década depois, ali estavam eles. Lutando uma guerra que não tinha fim.

— Falando em Gaheris — disse Vela, o olho que restava pousando em Talasyn —, e em pais e filhos...

— É mesmo. — Darius ficou mais solene. — Então. Agora Alaric Ossinast sabe que você é uma Tecelã.

Talasyn assentiu.

— A essa altura, ele já deve ter informado Gaheris — comentou Vela. — Eles vão caçar você incansavelmente até neutralizarem a ameaça. E não só porque sua magia anula a deles, mas porque estão travando uma batalha *pessoal*. Gaheris testemunhou os Tecelões de Luz de Solstício matarem o pai dele e instigou a mesma sede de vingança no filho. Você tem um alvo pintado nas costas.

— Desculpa — murmurou Talasyn, sentindo as bochechas esquentarem de vergonha.

A Sardóvia precisava de timoneiros, e ela mostrara que levava jeito para pilotar os coracles vespas, mas Talasyn fora aconselhada, diversas vezes, a esconder o fato de que possuía a habilidade de canalizar magia do éter, de que conseguia navegar a linha entre as dimensões e fazer com que uma em particular atendesse ao seu chamado.

— Você fez o que era necessário para sobreviver — reconheceu Darius. — Mas *isso* significa que é hora de começar o seu treinamento de verdade.

— O treino não vai bastar — disse Vela, com um ar soturno. — Não por muito tempo. Felizmente, talvez tenhamos encontrado uma forma de contornar isso.

Antes que Talasyn pudesse perguntar do que ela estava falando, a amirante se voltou para Darius.

— Veja se Bieshimma já está na porta.

E ele estava. Só quando Darius deu um passo para o lado e o outro homem entrou no escritório que Talasyn lembrou que os três oficiais haviam pretendido se reunir com ela na choupana em Abrunho-da-Geada. Pensar no casamento fazia um nó se formar em sua garganta, mas, apesar disso, um fragmento de curiosidade e uma dose de cautela o afrouxaram um pouco.

O oficial com o bigode preto em formato de ferradura respondeu à continência de Talasyn apenas com um leve grunhido esquivo. Ela não levou para o lado pessoal. Bieshimma parecia perdido em pensamentos enquanto desenrolava um mapa sobre a escrivaninha de Vela.

A amirante acenou para que Talasyn se aproximasse, e a jovem acatou a ordem, parando ao lado de Darius. De perto, viu que o mapa antigo e gasto mostrava a costa sudeste da Sardóvia e o Domínio de Nenavar, o Mar Eterno estendendo-se entre eles. Em contraste com os detalhes complexos

que exibiam a parte sardoviana do mapa, Nenavar era apenas um punhado de ilhas, desenhadas quase como um rascunho e quase sem nomes, como se o cartógrafo não tivesse tido tempo de estudar o terreno.

Talasyn tinha uma ideia do porquê. O mapa provavelmente fora desenhado a partir de um ponto de observação superior, com seu autor a bordo de uma embarcação aérea, e apenas as tripulações mais aventureiras ficavam zanzando pelos céus, que, segundo diziam, eram protegidos por dragões que cuspiam fogo. Considerando que as estruturas eram feitas de madeira, os céus não eram um lugar seguro.

Mesmo assim, havia marcações recentes em tinta no papel cor de ferrugem. Nomes de lugares, de paisagens e anotações. O mais evidente era o X preto em cima de um cume de montanhas que ficava na metade do caminho entre o porto Samout, onde a embarcação de Bieshimma atracara, e a capital do Domínio, Eskaya, para onde o general aparentemente fora sozinho, de acordo com o anseçada.

— Como eu estava dizendo antes de sermos tão grosseiramente interrompidos pela escória kesathesa — resmungou Bieshimma —, acredito que seja possível. — Ele mergulhou uma pena em um tinteiro na mesa e traçou uma rota com uma série de riscos. — Uma vespa solitária certamente chama menos atenção do que uma carraca, então não vai precisar dar uma volta como nós fizemos. Se ela partir da região central da Sardóvia por um Rompe-Navios e acompanhar a floresta até a costa, vai conseguir uma passagem tranquila. O Império da Noite jamais vai saber, desde que ela passe longe dos entrepostos em Cais Salgado.

Talasyn arqueou uma sobrancelha.

— Por que estou com a sensação..., *senhor* — acrescentou ela rapidamente quando Bieshimma lhe lançou um olhar de reprimenda —, ... de que esse “ela” sobre o qual estamos falando na verdade sou *eu*?

— Porque é mesmo. — O tom de Vela foi tão severo que Talasyn desistiu de seu questionamento.

A amirante era amedrontadora quando queria. Uma desertora de Kesath não teria conquistado um posto de liderança do Exército da Confederação Sardoviana se fosse o tipo de pessoa que tolerava imbecilidades.

— A essa altura, aqueles tagarelas que foram designados para fazer a minha escolta com certeza já espalharam a notícia de que tentei chegar à capital do Domínio — disse Bieshimma para Talasyn.

Pega de surpresa daquela forma, tudo que a jovem conseguiu fazer foi dar de ombros, o que era quase uma confirmação.

— Achei que talvez a Zahiya-lachis nenavarina não fosse recusar uma audiência se eu aparecesse às portas dela. — A expressão de Bieshimma azedou. — Infelizmente, os guardas do palácio quase me atravessaram com suas lanças. Meu cavalo também. Escapei por pouco. Fugi com o pobre animal sem nem conseguir ver a rainha Urduja de relance. Porém, teve algo que eu *vi*. — Ele apontou para o X marcado no mapa. — No caminho de volta para o porto Samout, o céu à minha esquerda brilhava tanto que parecia que o sol tinha caído na terra. Um pilar de luz surgiu do topo da montanha, iluminando os céus por quilômetros ali em volta. Não pude investigar mais, considerando que precisava voltar para o navio o mais rápido possível. Depois da cena que fiz na frente do palácio, temi que Urduja pediria minha cabeça a prêmio, assim como a de toda a tripulação. Mas sei o que vi.

O general se endireitou, encontrando o olhar intrigado de Talasyn.

— Era uma Fenda de Luz — declarou ele. — Tal como as que deixaram de existir no Continente depois de Gaheris ter invadido Solstício e destruído todas as ocorrências da Luzitura por aqui.

Talasyn arregalou os olhos. Uma Fenda de Luz. Um rasgo que o éter fizera no mundo material, no qual a Luzitura existia sem precisar ser invocada. Um ponto fixo de conexão que ela poderia usar para amplificar e refinar sua magia, da mesma forma que a Legião do Império da Noite conseguia aumentar suas forças e habilidades usando as numerosas Fendas de Sombras espalhadas por Kesath. Talasyn foi inundada por esperança e empolgação.

Então, lembrou-se de *onde* ficava aquela Fenda de Luz, e o júbilo se transformou em algo semelhante a temor.

Ela olhou para Vela.

— Você quer que eu vá até Nenavar. Sozinha.

— Sinto muito por pedir isso a você — disse a amirante —, mas o general Bieshimma presumiu corretamente que uma vespa teria menos chance de ser notada. Considerando como as coisas aconteceram no Domínio, duvido que dariam a você passagem livre pelo território deles, não importa quantas comitivas enviemos até lá. E nós não temos tempo de enviar mais. O Império da Noite está nos cercando.

Talasyn engoliu em seco.

— Então vou precisar me infiltrar lá.

— Sua missão é ir até lá, entrar em comunhão com a Fenda de Luz e sair — disse Vela. — E não deixe que ninguém a capture.

— Falar é fácil... — resmungou Talasyn, mas logo lembrou-se de que deveria se abster de comentários engraçadinhos.

Vela franziu o cenho.

— Estou falando sério, timoneira. Não podemos correr o risco de enfurecer os nenavarinos mais do que certa pessoa já enfureceu com essa última façanha.

A mulher olhou para Bieshimma como se avaliasse a reação dele, mas o semblante do oficial mal se alterou.

— Bem feito para mim — admitiu ele.

Os lábios de Vela estremeceram. No entanto, quando voltou a falar, ela se dirigia a Talasyn.

— Garanto a você que, se eu acreditasse que pedir a ajuda do Domínio nessa situação adiantaria de algo...

— Não, você está certa, amirante — interrompeu-a Talasyn, balançando a cabeça. — Não temos tempo.

Depois de uma década de conflito, a Sardóvia foi reduzida à metade de seu território terrestre. Menos da metade, na verdade, uma vez que as Terras Altas estavam praticamente perdidas. Não restava alternativa. Aquela era a última esperança.

— A menina não pode apenas velejar para o território do Domínio sem qualquer preparo — falou Darius pela primeira vez desde que Bieshimma chegara. — Se ela for capturada e não conseguir lutar para fugir...

— Tem razão. — Vela considerou a possibilidade por um tempo, o olhar fixo no mapa, nos quilômetros que precisavam ser atravessados para alcançar a Fenda de Luz. — Daqui a quinze dias, então. Talasyn, a partir de amanhã, você fará um treinamento mais intenso comigo e com a mestre de armas Kasdar. Nós a enviaremos para Nenavar apta a se defender.

— Isso também me dá tempo suficiente para traçar a rota por cima da terra até a Fenda de Luz de forma mais detalhada — acrescentou Bieshimma. — Vou cruzar as referências com os poucos documentos históricos e relatos da inteligência que estão à nossa disposição. Farei meu melhor.

Enrolando o mapa, ele o colocou debaixo do braço e prestou continência a Vela antes de sair da sala. Mais uma vez sozinha com a amirante e Darius, Talasyn sentiu que a mulher parecia preocupada... um comportamento estranho para alguém tão estoico e imperturbável como ela.

— Quinze dias é pouco tempo, mas é tudo que podemos oferecer — murmurou Vela. — Alaric não vai esquecer que você ganhou dele em combate, Talasyn. Ele era um garoto arrogante e tenaz na infância, que se tornou um jovem orgulhoso e implacável. Eu nem sequer ousou imaginar o que vai fazer quando se encontrarem de novo.

— Talvez eu tenha conseguido matá-lo — conjecturou Talasyn, otimista.
— Sabe, quando enfiei a adaga no ombro dele.

Darius deu uma risadinha seca.

— Isso resolveria muitos dos nossos problemas, não é? — perguntou ele.

— Vai ser necessário muito mais do que uma adaga tecida de luz para matar Alaric — disse Vela. — Ele é o Forjador de Sombras mais poderoso em séculos. Não foi por acaso que ele se tornou mestre da Legião quando mal tinha completado dezoito anos. Da próxima vez que enfrentá-lo, Talasyn, você vai precisar estar preparada.

Com o coração disparado, Talasyn pensou no príncipe sombrio que ela encontrara no gelo à deriva, na forma como ele a atraía para uma dança letal. Pensou naqueles olhos cinzentos, e em como brilharam prateados sob a luz das sete luas, encarando-a como se ela fosse sua presa.

Ela sentiu um calafrio.

Fantasia best-seller traz romance arrebatador entre dois inimigos mortais em universo inspirado no Sudeste Asiático

Talasyne cresceu entre orfanatos miseráveis e ruas imundas, mas encontrou uma família nas linhas de frente do exército da Confederação Sardoviana, em sua luta incansável para se libertar das garras do Imperador da Noite e da nação de Kesath. Só que a jovem, agora com vinte anos, esconde um segredo: a explosão de luz que corre em suas veias, um poder que se acreditava extinto.

Alaric é o único filho e herdeiro do Imperador da Noite, responsável por neutralizar qualquer ameaça ao domínio de Kesath com a força de suas tropas e, principalmente, com sua implacável magia das sombras... até se deparar com uma garota que queima mais forte que o sol, capaz de tecer a magia que matou seu avô, transformou seu pai em um monstro e deu início à Guerra dos Furacões.

Quando os dois se encontram no campo de batalha, no entanto, o impensável acontece, e os poderes dos dois se fundem, criando uma força nunca antes vista — e que logo se mostrará fundamental.

A Tecelã de Luz e o Forjador de Sombras se unem em uma frágil aliança, desvendando os segredos de uma guerra cruel e dos próprios corações, tomados por uma paixão avassaladora que pode salvar o mundo — ou aniquilá-lo.

Com um universo fascinante inspirado na mitologia do Sudeste Asiático e no conturbado relacionamento de Kylo Ren e Rey, de *Star Wars*, *A Guerra dos Furacões* é uma fantasia que crepita com faíscas de rivalidade e um romance épico repleto de fúria e desejo que deixará os leitores completamente rendidos.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/a-guerra-dos-furacoes/>